

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica,

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS



DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

A gravura que vos apresento hoje, queridas leitoras, não precisará de muita attenção para que de um golpe de vista não lhe reconheçais o tocante e sublime quadro da intelligente mãe de familia nas suas mais bellas disposições da parte mais essencial da educação de seus filhos — a RELIGIAO.

Vós oh, Religião de meus pais, vós Religião veneranda, cujos sublimes principios aprendi ainda menina sobre os joelhos de minha mãe! possão os homens abraçar um dia todos os vossos santos preceitos, vossas sagradas doutrinas, e formando uma só nação, terem por principio a liberdade, por lei a Religião de Christo! — Assim dirão no futuro os mimosos rebentões, que com o beijo materno de todos os dias receberam os benéficos principios da verdadeira Religião; porque, é ella a inabalavel base da melhor das educações.

E', pois, em Pariz, o templo elegante das modas, o mundo do luxo, dos prazeres, da novidade, das mil e uma cousas variadas todos os dias, onde os principios de educação conservão inalteraveis os dictames da Religião Catholica

Apostolica Romana, onde a moda não vai ter, não predomina, não desfaz usos e costumes proficuos á uma geração inteira, por momentos vaidosos de completa ruina ao presente e futuro das familias!

Em Pariz, como em toda a França, antigo é o costume de fazer communhar as meninas aos dez annos de idade; o dia da primeira communhão é para ellas um dia de alegria, por todos os motivos que acompanhão esse acto solemne. O seu vestuario especial, que é o maior galardão desse dia, a ida á Igreja, o apropriado sermão que o venerando sacerdote lhes faz ouvir com reverente attenção, a volta para casa, de tudo isto fazem uma festa alegre e innocente, que lhes enraiza no coração o amor, a obediencia, o respeito, que legão no futuro a seus filhos, que hão de formar uma nova sociedade, mas que sempre envolvendo-se nos inalteraveis dictames da Religião, cujos exemplos receberam da educação materna, essa sociedade vindoura representará os mesmos principios de educação, os mesmos usos e costumes de seus progenitores.

A nossa gravura representa uma destas meninas que vai á primeira communhão.

O VESTUÁRIO DE PRIMEIRA COMMUNHÃO compõe-se de um vestido de-cassa bordada. Corpinho franzido, aberto adiante. Cintura redonda. Mangas largas, compridas, enfeitadas de um crespo da mesma fazenda, com sub-mangas em folo fechado no punho guarnecido de renda. Touca e modestia á virgem. Véu talar de filó liso. Luyas de pellica branca. Sapatos de setim da mesma cor.

VESTUÁRIO DE CRIANÇA. Paletot de veludo preto. Saiote branco por baixo deixando apparecer o recortado. Collarinho á mosqueteiro, de bordado inglez. Calças curtas e mui largas, do mesmo bordado. Meias curtas mostrando a perna. Botins e bonet de veludo preto.

VESTUÁRIO DE ESTAR EM CASA. Touca composta de um lençinho de nobreza cor de rosa, com orlas de veludo preto, enfeitado de duas ordens de renda branca presa por lacinhos de veludo preto.

Vestido de tafetá azul meia cor. Corpinho afogado aberto, de basquine guarnecido de fita franzida á *la vieille*, a qual enfeitada tambem toda a volta da abertura do corpinho. O panno da saia adiante é enfeitado em forma de avental com seis guarnições de fita franzida á *la vieille*.

O corpinho é fechado na cintura por um laço de pontas curtas de fita larga. As mangas tem uma forma especial; estas mangas chamão-se á *batelière*; gradualmente vem alargando para baixo, e fechão-se em folo por um punho guarnecido de duas ordens de renda.

Camisinha de pregas com folho e collarinho de renda.

Eis o lindo quadro da carinhosa mãe e seus dous queridos filhos explicado conforme as minhas debeis forças o permitem. Praza a Deus que este util costume, que este solemne preparativo para a PRIMEIRA COMMUNHÃO DAS MENINAS seja pelas minhas patricias imitado tambem. Teremos dado mais um passo em favor do futuro da nossa sociedade.

Bem. Mas o que nos dizes a respeito do

BAILE DO CASSINO?

Digo-vos, queridas leitoras, que o baile deste mez foi mais concorrido e muito mais animado do que o do mez passado. Ainda mesmo havendo nessa noite representação em grande gala no theatro lyrico, o Cassino deu um brilhante baile, resentindo-se apenas da inui sensivel falta da presença das Augustas Pessoas Imperiaes.

Não pretendo passar por exagerada; por isso não direi (porque mesmo não vi) quem foi a rainha do baile, ou a mais bella, mais fascinadora elegante dessa noite de encantos. Havião muitas: todas ellas erão lindas e gentis; todas capazes de, em um simples *demi-chainé*, escalear corações e derreter cavalheiros ao suave toque da pequena graciosa mãosinha em pallida luyas escondida. O que posso, sem temor ás censuras, ás pragas e quebrantos, é declarar quaes forão os elegantes *toilettes* que me agradarão e que merecerão approvação geral: isso parece caber

nos meus direitos, e é o que vou fazer: vou referir alguns d'entre os muitos que elles erão.

— Da senhora do Sr. S. F. — Vestido de filó preto bordado de ouro, com tres folhos, cabeção de bico adiante e atraz, estreitando nos hombros para deixar apparecer as lindas mangas curtas muito enfeitadas. Penteado de flores de cores matizadas e fita dourada.

— Da filha do Sr. V. de P. — Vestido de garça branca com tres folhos prateados, cabeção á grega, mangas curtas muito enfeitadas. Penteado de flores e fita prateada.

— Da senhora do Sr. F. C. — Vestido escocez amarello e preto, cabeção de renda amarella e preta guarnecido de fita de veludo. Penteado da mesma fita.

— Da Sra. D.—E. B.— Vestido de nobreza cor de rosa enfeitado de duas ordens de renda ponto de Inglaterra e fita prateada. Berthe ponto de Inglaterra. Penteado da mesma renda com flores e fita prateada.

— Da Sra. D.—H. M. de B.— Vestido de rica nobreza azul, da mais moderna em Pariz, com dous folhos tecidos de prata. Cabeção á Luiz XV. Penteado de veludo azul e flores de prata.

— Da Sra. D.—F. B.— Vestido de nobreza amarello com tres folhos recortados a ferro enfeitados com meios lacinhos de fita de veludo da mesma cor. Cabeção á grega ornado de fitinha de veludo.

Páro aqui, para não descrever todos os lindos *toilettes* que apparecerão, que erão muitos, cada qual o mais encantador, cada qual mais digno de ser aqui notado, porém que não podião caber todos no cãntinho que me reservão nestas columnas; e perderia o meu tempo e paciencia.

Cattete, 22 de Julho.

Christina.

ROMANCE.

A DAMA DAS CAMELIAS.

(Continuado do n. 29.)

VII.

A prophécia do doutor verificou-se completamente, porque em menos de quinze dias Armando Duval entrou em convalescência; e a nossa amizade se havia estreitado consideravelmente. Corria então a primavera; e dando a janella do seu quarto para um jardim, levavamos horas inteiras a conversar, sorvendo as deliciosas-exhalações das flores que nelle abundavão.

De proposito nunca entabolei conversação alguma que tivesse a menor relação com Margarida; mas, Armando muitas vezes pronunciou o seu nome, não com as lagrimas nos olhos, mas com

um doce sorriso que me assegurava do estado de sua alma.

Enquanto esteve doente não consentiu que eu desse parte á sua familia do estado de sua saude, e depois que melhorou não o fez por si mesmo.

N'um lindo dia de sol, em que juntos admiravamos a grandeza de Deus, e discorriamos sobre a natureza, elle me disse:

— Foi n'um dia como o de hoje que eu conheci Margarida.

Calcê-me; e, então, virando-se para mim, continuou:

— É mais que tempo de contar-vos esta historia, que por certo publicareis, supposto eu esteja convencido de que muita gente não lhe dará credito.

— Não me parece azada a occasião para isso, respondi, porque o estado de vossa saude ainda é assaz melindroso.

— Não, meu amigo... eu estou quasi completamente restabelecido, e sinto-me disposto a fazê-lo hoje. Serei minucioso na minha narração, de que darei conta chronologicamente; mas autoriso-vos a mudar-lhe a fórma quando vos resolverdes a publicá-la.

E encostando-se á sua poltrona, Armando Duval principiou assim:

« Eu, e um amigo muito particular, tínhamos passado o dia n'um dos contornos de Pariz, e querendo ambos aproveitá-lo completamente fomos á noitinha para o theatro das *variedades*. N'um dos entre-actos deixámos nossos logares, e fomos postar á entrada dos camarotes da primeira ordem, por onde passou dahi a pouco uma mulher alta, á quem o meu amigo complimentou.

— Quem é esta moça? lhe perguntei.

— É' Margarida Gautier, me respondeu.

— Como está acabada! disse-lhe então.

— Esteve doente, retorquiu Eugenio, e creio que não vai longe.

« Lembra-me de tudo isto como se fosse hoje; e devo prevenir-vos que ha dous annos tendo-me encontrado com Margarida, a sua presença me impressionou consideravelmente. E sem que eu mesmo soubesse a razão por que, quando Eugenio me disse — que ella não ia longe — senti o meu coração estalar. E, antes de proseguir, devo descrever-vos o meu primeiro encontro com essa mulher, que a Providencia creára para ser minha amante, e para tomar uma parte tão activa na minha vida, como tomou!

— A primeira vez, que a vi, foi na praça do Commercio á porta de *Susse*, vestida de branco; apeou-se á porta desse armazem de modas, sendo recebida com os braços abertos, pôde-se dizer assim. Eu fiquei pregado ao logar em que estava desde que Margarida appareceu, até que se retirou, e pelas vidraças foi que a vi escolher diversas cousas e pagal-as. Por vezes quiz entrar, mas as pernas me tremêrão.

« Margarida trajava primorosamente, mas com simplicidade: o vestido era de caça da India com volantes, manta de seda, chapéo de palha de Italia com flores, e uma pulseira de brilhantes, mas com o fecho escondido.

« Quando me lembro de como a vi nesse dia,

e como depois me appareceu na sepultura, ah! sinto ainda o coração estalar fibra por fibra!

Pouco se demorou; e, entrando outra vez no carro, foi-se.

« Um dos caixeiros da casa veio acompanhá-la á porta, e chegando-me então á elle, perguntei-lhe como se chamava aquella senhora.

— Margarida Gautier, respondeu.

« Não me atrevi a perguntar-lhe onde morava, e retirei-me.

« A lembrança dessa visão, porque ella o foi para mim, nunca mais se me varreu da idéa... e debalde procurei, por alguns dias, essa mulher, cuja presença tanto me extasiara.

« Ludo, porém, uma noite á *Opera Comica*, vi-a n'um camarote da primeira ordem, dos da boca.

« O amigo que me acompanhava, e que estava sentado ao meu lado, logo que a lobrigou, disse:

— Ali está a encantadora Margarida. — Ella percorria o theatro com o seu oculo, e dando com os olhos nelle, lhe fez acceno, para que fosse ao seu camarote.

— Vou dizer-lhe adeus, disse Ernesto; mas volto já.

« Sem querer, então, soltei estas palavras:

— Sois muito feliz!

— Porque? perguntou Ernesto.

— Porque ides vê-la.

— Ah! estais pelo beijo por ella?

— Não, disse eu, corando, porque realmente eu não estava apaixonado por Margarida; mas quizera travar conhecimento com essa mulher.

— Neste caso vinde commigo.

— Sem que primeiro alcanceis o seu consentimento, não.

— Que tal! disse Ernesto. Com essa casta de gente, meu amigo, não se rompem sedas.

« Estas palavras nãogãoáram-me, porque temia que Margarida não fosse digna do que eu sentia por ella.

« Não sei se já lêstes uma obra de Alfonso Karr intitulada — *Am Ranchen*. Nesse livro refere-se — que um homem que a deshoras acompanhava uma mulher encantadora, pela qual bebia os ares, e por amor de quem seria capaz de fazer os maiores sacrificios, só para imprimir-lhe um beijo nas mãos, encontrou uma noite essa mulher na esquina de uma rua, a qual vendo-o o convidou á que ouvisse á troco de dez francos! Receioso de que outro tanto não acoutesse á mim; que de bom grado soffreria os mais durós tratos por Margarida, não quiz acompanhar o meu amigo sem que ella consentisse primeiro que eu fosse vê-la.

« Os homens, meu amigo, são assim... e mal delles se a imaginação nao imperasse por esta fórma sobre nós... e se os sonhos da alma não anniquilassem, por assim dizer, o *appetite da carne!*

« Se alguém me dissesse — Esta mulher é vossa, mas amanhãa sereis morto — gostoso aceitára o sacrificio... Se outra voz porém me fizesse ecoar aos ouvidos estas palavras — A' troco de dez luizes podeis alcançar esta mulher — eu regeitára a offerta... e derramaria tantas lagrimas quantas derrama a criancinha, quando

lhe cabe das mãos o brinquedo que lhe derão seus pais!

« E entretanto eu desejava ardentemente conhecer de perto Margarida, porque era esse o único meio que se me antolhava para poder fixar-me á seu respeito. »

« Levantei-me pois da cadeira, e puz-me a passear no corredor da primeira ordem, á espera que Ernesto me chamasse, decorando o que lhe havia de dizer.

Como é sublime o amor na sua puerilidade!

« D'ahi á pouco appareceu Ernesto.

— *Ella* espera por nós, me disse.

— Está só? perguntei.

— Não; outra mulher a acompanha.

« Dirigiu-se para a porta principal do theatro.

— O caminho não é por ahi, disse-lhe.

— É certo; mas vou comprar docinhos para ella, que me incumbiu disso.

« Entrámos n'um botequim, onde o meu amigo comprou uma libra de *uvas geladas*.

« Perguntei-lhe se Margarida gostava disso, e elle respondeu-me:

— Não come outra coisa.

« Quando voltámos, Ernesto disse-me:

— Sabeis á que mulher vou apresentar-vos? Não é nenhuma duquesa, não; é uma mulher de *porta aberta*, mas que se trata á fidalga. A' vista disto não vos acanheis, e fallai pelas tripas do diabo.

— Fico sciente, balbuciei.

« Acompanhei-o, certo de que dessa primeira entrevista dependia o meu futuro.

« Quando entrámos no camarote, achámos Margarida a rir-se..... Quizera que ella estivesse triste.

« O meu amigo apresentou-me á Margarida, que apenas abaixou a cabeça, e lhe perguntou:

— Onde estão os doces?

« E Ernesto lh'os entregou. Na occasião de recebê-los foi que olhou para mim, que me fiz de mil côres e abaixei os olhos.

« Não sei então o que disse á companheira; o ambas desatárão a rir.

« Atribuindo o motejo á mim, fiquei sem tino. Amava eu então uma moça de humilde condição, mas *sentimentalista*, por fórma que muitas vezes suas expressões melancolicas me provocarão o riso, e ajuiizei do que fizera soffrir á essa pobre mulher então, e amei-a por instantes como nunca ninguem amou mulher alguma!

« Margarida poz-se a comer as uvas, como se o camarote estivesse sem gente: Ernesto, que pensára quanto eu soffria, disse-lhe então:

— Não vos admireis, Margarida, do silencio deste meu amigo, porque, se não falla, é por vossa causa mesmo.

— Não me conteis historias, disse Margarida.... Se este senhor veio aqui, foi porque não quizeses vir só.... é isso mesmo.

— Não, minha senhora, enganais-vos, disse eu; fui eu que pedi ao meu amigo que me apresentasse á vós.

— Não vou muito para ahi, disse Margarida frauzindo a cara.

Ora, sabeis perfeitamente que as mulheres da laia de Margarida têm um gostinho parti-

cular em machucar aquellas pessoas que vêm pela primeira vez, em desforço por certo das humilhações por que passão com aquellas com quem vivem em intimidade. E' portanto, para *desarmal-as*, é preciso estar pratico nessas cousas, que em verdade eu ignorava; accrescendo mais que eu tomei muito em grosso as palavras de Margarida. Mas, para que o meu tormento se não prolongasse, disse-lhe:

— Se soubesse, minha senhora, que a minha presença vos era importuna, ha muito que me teria retirado. Consenti pois que eu vos assegure de que nunca mais vos importunarei.

« E sahi á toa do camarote. No corredor ouvi outras gargalhadas de Margarida e da sua *boa amiga*.

« Fui sentar-me no meu lugar.

« Subiu o panno, e foi então que Ernesto voltou para a sua cadeira.

— Tomastes a cousa muito ao serio, me disse, pelo que acreditão ambas que não sois *seguro da bó a*.

— Margarida, perguntei, disse alguma cousa á meu respeito?

— Não; mas não cessa de rir-se, chamando-vos — *exquisição* —. Não vos deis por vencido, mas nao vos mostreis de futuro tão cavalheiro com semelhante gente. As mulheres da laia de Margarida assemelhao-se aos cães, que depois de lavados em aguas cheirosas, vão espojar-se no lodo.

— Pouco se me dá do que disser de mim, respondi com desembaraço, porque d'ora em diante nao farei mais caso dessa mulher.

— Devo dar graças a Deus por não ter sympathisado-commigo, continuei.

— Qual! disse Ernesto. Não falleis assim, porque ainda espero ver-vos encafuado no seu camarote, e ouvir dizer que sois seu *tonante*.... E que *pancadaão* é ella! Vale bem a pena gastar-se rios de dinheiro com essa mulher!...

« Calou-se, e eu não sei o que se representou nesse acto. Do que me lembro é que sempre que eu olhava para o camarote de Margarida via nelle caras novas, o que pouco abalo me dava, porque outro sentimento me dominava, e era elle o de vingar-me do insulto que me fizera Margarida.

« Quizera esbofetear um dos sujeitos que estava no camarote de Margarida, matar outro, etc., porque via todos rirem-se; e sem duvida essa chacota era de mim.

« Antes de acabar-se o espectáculo, Margarida sahiu do camarote, o que fiz tambem.

— Então, já vos retirais? perguntou-me Ernesto.

— Sim.

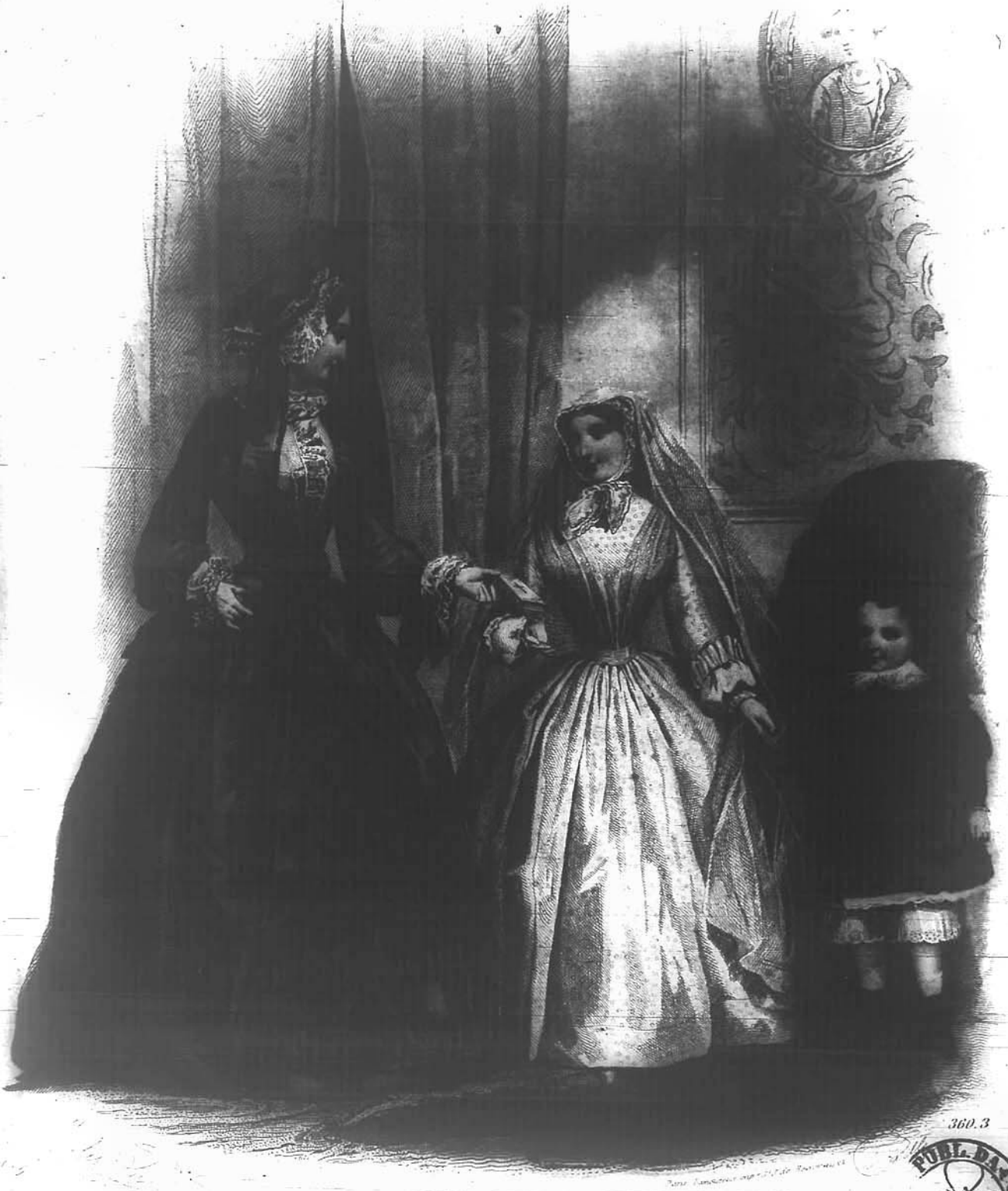
— Tão cedo? E calou-se.

— Deus vos ajude, meu amigo, disse, quando lhe apertei a mão; mas não sejais *maricas*.

« Sahi, e encontrando-me com ella na escada, de braço com um sujeito, e com a sua companheira, que vinha *escoltada* tambem por outro; disfarcei.

« No peristilo do theatro appareceu-lhe um criado, á quem disse:

— Dize ao boleeiro que vá esperar-me com o carro no café inglez.



360.3



LE MONITEUR DE LA MODE.

*Directeur de la Maison Colas & Lacroix & Associés de M. Saurouze & Richelieu 22. Costumes d'après de M. Ricoy
 pour les Boutiques Capucines. Tricots de M. Hippolyte & de la rue St. Jacques de Rogrand & P. Monier. Des Chocolats de la Cour
 Coloniale. Cadeaux pour M. des Auteurs & Propriétaires de la Société Hygiénique & J. Roussin & Pigeon des Filles de France. Cour de
 la Maison de Commerce Sarrailh & L. Bout. des Capucines. Bureau de l'Association de Femmes et C. rue du Roy P. Monier &
 Chocolats et bonbons de la Confiserie Hygiénique. Rue de la Harpe N. 11.*

Paris, Rue de la Harpe N. 11.

LONDON at the Monitor Office, 45, Abchurch Lane, Street, Square. ST. PETERSBURG J. A. Deltour & Co. NEW YORK E. B. Straume & Brother.

« Acompanhei-a de longe, e dahi a pouco appareceu á janella, com um dos taes sujeitos ao lado.

« Entrei na *Maison d'Or*, d'onde não sahí enquanto não a vi metter-se no carro, com os tres da *sucia*.

« Entrei n'um carrinho e acompanhei-a á rua d'Antin n.º 9, onde se apeou sósinha.

« Confesso-vos que isto me expandiu a alma.

« Dahi em diante encontrei-me com Margarida nos theatros e nos Campos Elysios; mas sempre que a via sentia um abalo inexplicavel.

« Durante quinze dias não me foi possivel descobri-la; e encontrando-me com Ernesto, perguntei-lhe por ella.

— Está muito mal, respondeu.

— De que?

— Do peito... quando cabe doente fica ás portas da morte.

« Estas palavras, em logar de me entristecerem, me alegrarão.

« Mas o que é factó, é que de então por diante, fui todos os dias saber de sua saude, guardando o *incognito*. Melhorou, e partiu então para Bagnères.

« Se Margarida se tivesse demorado mais tempo ali, eu teria completamente me esquecido della, porque dahi a dias já nem sequer me lembrava da sua physionomia!

« Quiz porém o destino que eu a encontrasse dahi a tempos no theatro das *variedades*, e que a sua presença me impressionasse da maneira por que me impressionou, como já vos disse, no principio desta historia.

VIII.

« Apezar porém, continuou Armaudo depois de uma pequena pausa, de conhecer que o nome dessa mulher não me era indifferente, eu me sentia mais forte, e desejava mostrar-lhe a minha superioridade.

O coração do homem, quando quer conseguir o que deseja, serve-se de mil meios!

« Eu queria vingár-me della por me ter feito representar o mais ridiculo papel, mas tambem sabia que Margarida exercia sobre mim maxima influencia.

« Margarida occupava um camarote da primeira ordem, e estava a sós. Encarando-a, pareceu-me outra, porque seu rosto, conquanto sempre bello, estava alquebrado, e na sua boca não descobri aquelle riso sarcastico que tanto me incommodára.

« Corria o mez de Abril, e entretanto Margarida estava com roupas de láa. Não despreguei os olhos della, até que, olhando para mim benignamente, voltei-lhe o rosto para mostrar-lhe que pouco ou nenhum caso fazia della.

« Levantou-se o panno, e Margarida, na fórma do costume, não prestou attenção á peça, o que me aconteceu tambem, conquanto fingisse que ella me absorvia inteiramente.

« Reparei que Margarida olhava repetidas vezes para um camarote fronteiro ao seu, e vi então que a mulher que ali estava era tambem do meu conhecimento.

« Essa mulher tinha sido *das taes*: mas no tempo á que me refiro era modista.

« Não querendo perder a occasião de travar conhecimento com Margarida, por intermedio dessa mulher, disse-lhe adeus com a mão. Ella então, por acenos, me disse que fosse fallar-lhe.

« Corri ao seu camarote, onde me encontrei com sua filha, que teria doze ou treze annos de idade.

« Prudencia Duvernoy, quero dizer — a tal modista, era uma mulher matreira e *linguarruda*; e por isso, depois de algumas palavras banaes que lhe disse, vendo que continuava a corresponder-se com Margarida, perguntei-lhe:

— Que moça é aquella?

— É Margarida Gautier.

— Conheceis essa mulher?

— Sim: sou sua modista, e é minha vizinha.

— Pois morais na rua d'Antin?

— Sim; na casa n.º 7. A janella do seu quarto de vestir dá para o meu.

— E muito bonita realmente, disse.

— Não a conheceis?

— Não.

— Quereis que lhe diga que venha cá?

— Não; prefiro que me apresenteis á ella.

— Em sua casa?

— Sim.

— Não é tão facil como julgais.

— Porque?

— Porque é *protegida* por um duque, homem madurão, muito ciumento.

— Isto de *protegida* tem sua graça, repliquei.

— E no entretanto é assim, replicou ella, porque Margarida nunca foi, nem jamais será cousa que lhe pertença. E Prudencia desenrolou toda a liada n'um abrir e fechar d'olhos.

— E é por isso que vem só ao theatro?

— Sim.

— Mas volta sósinha?

— Não; elle ha de vir buscal-a.

— E vós com quem voltais para casa? perguntei-lhe.

— Com ninguém.

— Pois então offereço-me para levar-vos.

— Mas creio que não vistes só ao theatro.

— É verdade; mas o meu amigo prestar-se-ha a acompanhar-nos. É um mancebo muito digno da vossa estima.

— Pois então está dito: logo que acabe a peça retirar-nos-hemos.

— Bem: entretanto vou pôr de alcateia o meu amigo.

— Está direito. Ah! lá chegou o duque.

« Olhei para o camarote de Margarida, onde vi um homem de setenta annos, pouco mais ou menos, que, depois de sentar-se, lhe entregou um embrulho, que Margarida abriu e offereceu a Prudencia, que agradeceu por acenos.

« Margarida poz-se então a conversar com o duque.

« Desci, preveni Engenio do occorrido, e subimos ao camarote de Prudencia.

« No corredor encontrámos com Margarida e o duque, que se ião.

« Eu daria dez annos de vida para occupar o logar que esse velho occupava!

« E mettendo-se ambos n'um *Phaeton*, governado por elle mesmo, *sumirão-se*.

« F'inda a peça, eu, Prudencia e o meu amigo entrámos n'um carro, que nos levou á rua d'Antin n.º 7. Subimos; e, de propósito, trouxe novamente á baila o nome de Margarida.

— O duque dorme em casa de vossa vizinha ? perguntei.

— Não. Quasi todas as noites eu vou fazer-lhe companhia.... Naturalmente ainda ha de estar acordada, porque não se deita senão depois das duas horas da manhã.

— Porque ?

— Porque soffre do peito, e quasi sempre está com febre.

— Ella não tem dono ?

— Que eu saiba, não: algumas vezes encontro em sua casa um tal conde N...., que lhe faz muitos *rapapés* e que a presenteia muito, mas com quem nao quer graças. Pôr-mais que lhe tenha dito que não despreze esse sujeito, porque é muito rico, não me ouve. — Responde que elle lhe causá nojo por ser muito *estúpido*, como se isso viesse ao caso. Vai entre tendo o velho duque, que é egoista e rabujento como nao fazeis idéa. Eu, por mim, teria mandado o tal velhusco *plantar batatas* ha muito tempo.... mas Margarida diz que elle lhe serve de pai. Aposto que agora mesmo ha de estar um criado delle rondando-lhe a porta, para ver quem entra e quem sabe!

« Confesso que as palavras de Prudencia me servirão de balsamo.

« Eugenio sentou-se então ao piano e tocou uma valsa.

— Silencio! disse Prudencia. Creio que a ouvi chamar-me.

« Com effeito Margarida chamou-a,

— Está bem, meus senhores, basta, disse Prudencia; são horas de nos recolhermos.

— Que tal! disse Eugenio.... Eu cá por mim não sajo tão cedo d'aqui.

— Nem eu tão pouco, disse.

— Mas se eu quero ir á casa de Margarida, disse Prudencia.

— Quem vos pega? disse Eugenio: ide; que vos esperaremos aqui,

— Não pôde ser.

— Então nós vos acompanhamos.

— Peior um pouco.

— Mas eu conheço Margarida.

— Não duvido; mas Armando não a conhece.

— E' o mesmo, porque posso apresental-o....

— Nem fallar nisso é bom.

« Ouvimos Margarida chamar Prudencia outra vez.

« E ella acúdiu ao chamado.

« Acompanhei-a, e mais Eugenio, escondendo-nos por fórma que não nos visse.

— Ha-dez minutos seguramente que vos estou chamando, disse Margarida imperiosamente.

— Que mandais? perguntou Prudencia.

— Quero que venhais cá quanto antes.

— Para que ?

— Porque o conde ainda não ~~co~~ foi, e estou enojadissima delle.

— Não me é possível fazel-o agora.

— Porque ?

— Porque tenho em casa dous mancebos que não se querem retirar.

— Ora.... mandai-os despejar o becco.

— Não querem obedecer-me.

— Então, deixai-os ahi, e vinde quanto antes.

— Nessa não caio eu, porque vão remexer-me tudo.

— Como ha de ser então?....

— Eu sei cá.... querem por força que eu os leve á vossa casa.

— Que taes são elles ?

— Que taes ! Ora-essa é boa.... são dous *guapos rapazes!*

— Como se chamão ?

— Um chama-se Eugenio de '....'

— Conheço-o perfeitamente.... e o outro ?

— Armando Duval.

— Não o conheço, mas é o mesmo.... Pois então trazei-os, e já.

« Margarida não se lembrava de que eu lhe fóra apresentado. E isto magoou-me de algum modo.

— Eu bem vos disse, que não levaria a mal a nossa visita, disse Eugenio.

— Eu sei lá? o que quer é ver-se livre do tal conde.... e veção lá o que vão fazer.... porque Margarida tem cabellinhos na venta....

« Acompanhámos Prudencia.

« Eu nao sei o que sentia, mas confesso-vos que tremia mais do que quando lhe appareci no theatro.

« No topo da escada ouvimos tocar-se piano.

« Prudencia puxou a campainha, e appareceu então uma mulher que nos abriu a porta.

— Ah! sois vós, disse essa mulher á Prudencia; minha ama ha de ficar *contentissima*.

« Entrámos na sala, e dali ao seu gabinete.

« Um mancebo estava encostado ao fogão.

« Margarida sentada ao piano percorria o teclado.

« Logo que ouviu Prudencia fallar, ergueu-se, e disse-nos:

— Podeis entrar, meus senhores, e muito obrigada pelo favor.

(Continua.)



POESIA.

AMANHÃ POR ESTA HORA!

Hei de ver-te sem encantos,
Formosa lua serena,
Estampando a face amena
Nas aguas da Guanábara;
Sem primores notarei
O quebrar da onda anára

Pelas ribas solitarias
Que de continuo namora :
Oh! que tudo hei de ver triste
Amanhã por esta hora!

Hei de ouvir as sentinellas,
Na valente fortaleza,
Bradarem, com aspreza,
Alerta! — Alerta! — Alerta!
Hei de ouvir a voz queixosa
Do soldado que desperta,
E o gemer da triste brisa,
Ou da vaga quando chora;
Oh! que tudo ouvirei triste
Amanhã por esta hora!

Sem poder então meus passos
Dirigir p'ra estes lares,
Onde não vivem pezares
Junto desta habitação;
Não verei uns lindos olhos
Que sempre me dizem — *não!*
Quando lhes peço um olhar
Que a minha sorte melhora!
Oh! que bem longe estarei
Amanhã por esta hora!

Hei de ver o Céu tristonho,
As estrellas sem fulgores,
A minh'alma sem amores,
Os meus amores sem vida!
Não verei querido amigo
Quando a noite appetecida
Lhe mostrar bem junto á *Ella*
Linda virgem qu'elle adora!
Hei de gemer de saudades
Amanhã por esta hora!

Dize então, meiga Donzella,
Elle soffre por amar-me,
Ha de constante adorar-me,
Ha de viver para mim!
E voltendo o pensamento
P'ra esses mares sem fim,
Ante o Forte que terá
Quem tão perto vive agora,
Roga á Deus que me não deixe
Amanhã por esta hora!

D. M. de O. Quintana Junior.



MARGARIDA.

EPISODIO DO CERCO DO PORTO.

Não pude deixar de extrahir d'um livro publicado ultimamente em Lisboa o seguinte facto, para offerecel-o ás leitoras do JORNAL DAS SENHORAS. Agradou-me em excesso a bella e infeliz Margarida.

Diz o livro:

Quem é que d'entre nós se não recorda ainda

desse tempos de gloria e de dôr, em que de dia a dia eramos obrigados a dar um combate, de hora a hora affrontar um perigo, e a cada instante uma privação? Quem é que se não recordará da fome que incessantemente ali nos perseguia, da morte que de todos os lados nos assaltava, do carregado e nebuloso futuro que em frente se nos antolhava?

Ninguém... oh! não; ninguém, dos que presenciáram estas scenas, as poderá jámais esquecer.

Esta lembrança é para sempre de nós inseparavel. Lembrança horrivel! Ali as privações erão para todos, desde o soldado até ao general em chefe, desde a mulher da mais baixa classe até á do primeiro magistrado, desde a criança pendente do resequido peito maternal até ao velho, a quem algumas migalhas de pão poderião ter ainda prolongado a vida... e que succumbiu á sua miseria. Oh! nobre, oh! generosa povoação do Porto! Mulheres, crianças, velhos, a todos vos confundo nas minhas bençãos, bençãos de respeito e veneração!

E a ti, Margarida, a ti, amavel menina, poderia eu esquecer-te? Poderia eu deixar de prantejar tuas desgraças?

Margarida! Sim, este nome está gravado no intimo da minha alma, e a minha alma necessita de um allivio. Ouvi pois uma historia lamentavel.

Havia na rua do Alameda uma joven de dezeseis annos, boa, cheia de doçura, pensativa algumas vezes, como algumas vezes o são as da sua idade: tão linda que, se os seus grandes olhos negros encontravão os vossos, ou vos sorrieis ou suspiraveis. Sem duvida Margarida gostava um pouco de agradar; mas poderia deixar de assim ser uma menina de dezeseis annos? Por isso ella todas as tardes apparecia á sua varanda, ornada com uma flôr entre as tranças de seus cabellos; por isso, aos domingos, a viamos dirigir-se ao templo tão bem calçada, tão bem vestida, e com tanto garbo e arte, que ainda de longe podiamos adivinhar a delicadeza de sua figura. Oh! Margarida, quanto eras seductora!...

Era uma tarde, a bella joven regressava da igreja. A artilheria ribombava a miudo, e ainda com mais força do que em outros dias: se bem me lembro, o dia era de S. Miguel; e, para festejar o anniversario do nome do tyranno, os seus satellites tinhão decretado que nesse dia haveria maior carnagem.... Com effeito, as balas e as bombas, chovião e sibilavão de todos os lados; e apenas Margarida, tremendo, chegou á casa, que Lourenço, joven tambem, e que em breves dias devia ser seu esposo, a deixou para correr ás armas. Margarida o segue com a vista, esquecendo os perigos de que se vê cercada, para só lembrar-se daquelles á que vai expor-se o seu amante — escapa-lhe uma lagrima — desgraçada! é por teu respeito que ellas devem derramar-se! Observa, observa essas faiscas coruscantes, que correm como estrellas pela extensão dos ares — observa: é a bomba que sobe, que sobe até a maior altura, para vir de repente lançar-se sobre o tecto que te abriga — Acabou-se! Estás ferida, Margarida, ou para melhor dizer, teu corpo

é todo uma ferida. Oh! meu Deus! que é da tua mão direita — que horror! — eil-a, cortada e despedaçada entre as ruínas do tecto que enchem a sala.

Pobre Margarida! deixa-me, deixa-me chorar: estás sem duvida já morta — mas, não; teu coração palpita, teus olhos se abrem.... Socorro, socorro! — Em um momento se apresenta um cirurgião, corre com interesse o corpo da desgraçada, e declara que se encontrão fortes contusões, que não são mortaes; mas que é necessário immediatamente cortar-lhe o braço, para evitar a gangrena que se vai declarar. Consultão-se os parentes; os soluços os suffocão; nada respondem, todos chorão.... e Margarida tornando a si, e tendo ouvido a cruel sentença, levanta o braço mutilado e o apresenta ao facultativo, que, aproveitando aquelle instante de coragem, o agarra para exercer o seu cruel e benefico officio. Um frio de gelo se apodera de todos os circumstantes; um silencio de dôr reina nesta sala de desolação; mas, no momento em que o braço se desprende, ouve se distinctamente após um gemido articular algumas palavras, e estas palavras são — VIVA A CARTA! VIVA MARIA SEGUNDA!

E quem pronunciou estas palavras tão magicas, tão cheias de idéas e de esperanças? Seria algum soldado aguerrido.... não; foi a terna, a dilacerada Margarida! Oh! Margarida! tu merecias ser amada com um amor puro e celeste....

Já erão passados seis mezes, e a mutilada joven estava outra vez á sua varanda; mas sem flores em seus cabellos, pallida e doente, não em consequencia de suas feridas, pois que erão perfeitamente curadas; mas a joven tinha um coração, e um coração em extremo sensível.

Lourenço, depois do accidente fatal, apenas á visitava de tempos a tempos, e nos ullimos quinze dias Margarida o não tinha visto.

« Se me fosse infiel » dizia a triste.... e ainda não tinha acabado estas palavras, quando repara em um cortejo que lhe passava por baixo das janellas: olha, era um noivado. Palpita-lhe o coração, os olhos se lhe espantão, julga conhecer o noivo.... não ha duvida, é elle.... é Lourenço!.... Margarida não pôde resistir mais, succumbe á sua dôr: d'ahi a um momento, a desgraçada já era na eternidade! (Extr.)

Viscondessa da....

THEATRO LYRICO.

Depois de entrar em scena a opera *Puritans*, que não sei por que fatalidade andou tão mal desta vez; depois de cantarem os *prelós balutas* em tom de orchestra ao empresario do theatro

lyrico; veio a *Sapho*, na quinta-feira, em beneficio da Sra. Candiani, adoçar ouvidos e corações, e aplacar a tormenta dos bastidores que se revoltavão desapiadadamente uns contra os outros, e todos contra um. A bella inspiração de Paccini, *Sapho*, essa opera em que tanto brilhou a Sra. Candiani, uma outra vez lhe veio servir de laurel ao seu merecimento artistico, e dar-lhe os mais bem merecidos applausos dos imparciaes amadores do bello, suave e angelico de sua voz especial.

Felicitemos a Sra. Candiani pelo seu triumpho, e a esperamos a 5 de Agosto no seu papel favorito da *Norma*.

Estrella.

Anecdotas.

Um estudante, indo de viagem, encontrou-se com um fidalgo de seu conhecimento; e, como ambos ião para o mesmo lugar, ajustarão fazer todo o resto da jornada de camaradagem. Naquelle noite virão-se obrigados a ficar em uma pequena aldeia, em cuja má estalagem apenas lhes poderão arranjar tres ovos fritos; o estudante, tirando logo dous para o seu prato, disse mui civilmente para o seu companheiro: « Aqui tem, queira escolher. » — Escolher! e como! se me não deixou mais do que um!.... — « Ainda assim mesmo, lhe diz o estudante, pôde escolher: ou comel-o, ou deixal-o para mim. »

— O philosopho Zenon enamou-se, e houve quem lhe dissesse que o amor era improprio de um homem de juizo. « Se isso fosse verdade, respondeu o philosopho, a sorte das mulheres seria bem para lastimar, porque não serião amadas senão dos tolos. »

CHARADA.

Cabendo a todos 1
O entendimento, 2
Não tem acção,
Nem movimento.

Declaramos ás nossas assignantes, que a adivinhação que veio publicada em o n.º 19 deste Jornal, e que por attenciosos motivos não demos a sua interpretação no numero immediato, foi finalmente decifrada, ha poucos dias, por pessoa cujo nome publicaremos no seguinte numero, com a explicação da adivinhação.

A decifração da charada do n.º 29 é: *Pomada*.

Acompanha este n.º 50 uma figurino de vestuario de menina para a primeira communhão.